

A ANÁLISE INSTITUCIONAL NA LEITURA DOS PLANOS DE ATRAVESSAMENTOS EM UM PROCESSO DE CUIDADO: UM CASO PRÁTICO

OAlessia Benizzi

Itens da Caixa de Afecções: quando pensei em meu projeto final para o programa de Análise Institucional, identifiquei o processo a ser investigado no fluxo de cuidado em que estou envolvida, tanto em uma perspectiva pessoal e familiar, com relação a idosos frágeis sob meu cuidado, quanto na minha pesquisa, que explora as possibilidades de autodeterminação de pacientes idosos egressos do hospital e a capacidade dos serviços sociais e de saúde de interpretá-las. Sendo esse um processo existencial profundamente enraizado em mim, escolhi a linguagem artística para expressar primeiramente os “afetos” que me atravessam, particularmente durante os dias de análise propostos. A figura central, a primeira que criei, indica um corpo em forma de espiral em movimento (EU), em posição forte e central, que é atravessado por diferentes afetos, que operam tanto transversalmente, produzindo novas oportunidades de equilíbrio, como a natureza (no canto superior direito representei alguns elementos da paisagem que atravesso diariamente em longas caminhadas com meu cachorro, que exerce uma poderosa função de autorregulação para mim) quanto à esquerda, que representa o lugar onde eu acabava de chegar pouco antes da realização dessa aquarela, e representa a paisagem toscana, um afeto positivo como Espinosa o definiria, capaz de fortalecer minha força vital e manifestar sua essência. Então, na parte inferior da folha à direita, os dois corações são as pessoas que amo e cuido, minha mãe e minha tia, e à esquerda, um livro que responde iconograficamente à minha experiência acadêmica e de pesquisa.

No presente trabalho me proponho analisar, através da abordagem codificada na análise institucional, o processo de cuidado que estou vivenciando em vários aspectos. René Lourau, uma eminente figura da Análise Institucional, em abril de 1993, explora, num ciclo de aulas da UERJ, as contradições fundamentais que animam a análise institucional, como a que existe entre instituído e instituinte, e

entre autogestão e heterogestão, sustentando que a ciência não pode ser neutra e deve reconhecer as implicações dos pesquisadores.

O que mobilizou num primeiro tempo minha reflexão foi a conexão que existe com os meus agenciamentos emocionais, por isso realizei uma produção artística que permitiu ser atravessada pela minha emotividade possibilitando assim a definição visual dos campos, prioridades e atravessamentos que convivem no meu agir. Isso me possibilitou refletir sobre o tema do cuidado, onde a teoria da análise institucional me auxiliou na leitura de desejos e contradições que atravessam minha ação de cuidado em relação aos meus familiares frágeis (em particular minha tia com demência e minha mãe idosa, deprimida) ressaltando quanto isso atravessa minhas práticas de autocuidado, enquanto cuidadora por minha vez, e em segunda instância o quanto essas práticas se tornam elementos autorreflexivos em vários âmbitos existenciais. Na minha produção criativa/emocional com aquarela, se destaca o papel da organização da minha pesquisa de doutorado, pois se desenvolve em torno do tema do fluxo de cuidado para o usuário frágil no processo de retorno ao território de vida após altas hospitalares difíceis (na Itália este instituto de saúde coletiva é denominado altas hospitalares protegidas). Esse fluxo de cuidados pós-hospital prevê a ativação e a integração daqueles serviços sanitários e socio sanitários, que devem acompanhar o paciente em seu retorno ao domicílio após um evento grave de crise hospitalar. Essa análise responde à necessidade de uma criatividade crítica no processo de pesquisa. A Análise Institucional torna-se uma lente para observar e analisar as dinâmicas. Nesse sentido, René Lourau, praticante consciente e crítico da Análise Institucional, propõe uma abordagem que transcende a visão comum das instituições como simples estruturas ou edifícios.

Para Lourau, a instituição não é uma coisa observável, mas uma dinâmica contraditória que se constrói no tempo e na história. Essa perspectiva dialética, que reconhece a luta permanente entre forças estabilizadoras e de transformação, revela-se particularmente fértil para analisar a complexidade do mundo do cuidado. A análise institucional, longe de ser uma disciplina monolítica, baseia-se na multirreferencialidade, utilizando diversos métodos e conceitos existentes para construir um novo campo de coerência. Essa abordagem torna-se crucial para compreender minha dupla imersão no cuidado, que intersecta as dimensões acadêmicas, clínicas, sociais e pessoais. No centro da Análise Institucional se encontra a noção de implicação, considerada quase um escândalo em relação à suposta neutralidade de muitas ciências. Enquanto quase todas as disciplinas se baseiam na ideia de não implicação ou desimplicação, a Análise Institucional se coloca como elemento de prolongamento do dito escândalo psicanalítico, insistindo no fato de que o pesquisador, o profissional ou o indivíduo estão sempre envolvidos, politicamente, libidinalmente e materialmente, no processo que estudam ou vivem.

Essa consciência é fundamental para uma análise autêntica, pois leva a examinar não apenas os outros, mas também a si mesmos. As contradições fundamentais da Análise Institucional no cuidado se articulam em torno da lógica da contradição, uma lógica dialética que rejeita o pensamento identitário. Essas contradições não são fraquezas, mas a própria base da teoria, pois a análise institucional funciona apenas dentro delas.

No universo do cuidado, que é meu caso de análise, a contradição entre coerência e multirreferencialidade se produz na minha qualidade de doutoranda, em que sou chamada a produzir uma pesquisa coerente dentro dos paradigmas universitários e da saúde coletiva. Ao mesmo tempo, meu papel de cuidadora me impulsiona para uma multirreferencialidade de saberes (médicos, sociais, emocionais, pessoais) que nem sempre se alinham com a rígida coerência acadêmica. Leio, portanto, que o desafio é integrar essas diferentes perspectivas sem cair em uma mera coleção de disciplinas justapostas. Prosseguindo na leitura da contradição entre Instituído e Instituinte, nos deparamos em instituições que não são algo estático, mas um campo de forças em tensão entre si. O instituído na minha realidade de doutoranda inclui as normas acadêmicas, os protocolos existentes nas organizações sanitárias, desde o hospital até o território, ou seja, a casa do paciente, onde ele volta acompanhado pelos serviços que deveriam ler de forma integrada suas necessidades no percurso desenhado com as altas protegidas; e tem a estrutura hospitalar e a organização da saúde pública.

Na instituição família, o instituído compreende os papéis familiares tradicionais, as expectativas culturais ligadas ao cuidado de idosos, e os modelos de comportamento enraizados que geram o equilíbrio precário da minha mãe de um lado, e da minha tia, ligado à minha posição de tutora. Lourau afirma que o instituído, o status quo, age com um jogo de forças extremamente violento para produzir uma certa imobilidade, e isso pode ser observado tanto nas rigidezes burocráticas do sistema sanitário quanto nas inércias emotivas das dinâmicas familiares. O Instituinte é a força de transformação que vivo cotidianamente nos desafios que meu percurso de pesquisa me apresenta, como tentativa de inovar a continuidade assistencial e de introduzir disciplinas inusitadas neste campo, como a filosofia, para suscitar novas questões voltadas para investigar macro e micropolíticas de saúde, identificando olhares e oportunidades de apoio para escutar voz do paciente, e preservar sua autodeterminação. A nível pessoal, a instituinte representa minhas tentativas de negociar novos equilíbrios familiares, de adaptar meus papéis de cuidadora às necessidades mutáveis do contexto, e de enfrentar os medos recorrentes que ameaçam a estabilidade familiar. Esse é um processo de luta permanente contra o status quo. A institucionalização é o processo através do qual as formas sociais vêm a ser. Minha pesquisa, quando concluída, poderá ser reconhecida e publicada,

institucionalizar-se-á no saber acadêmico, e isso poderia traduzir-se para o sistema socio-sanitário em uma possibilidade instituinte em relação ao instituto das altas hospitalares protegidas.

No contexto familiar, minha posição de tutora e as dinâmicas de cuidadora são formas de institucionalização das relações. No entanto, Lourau sublinha a presença constante, muitas vezes invisível, de forças de autodissolução. No contexto do cuidado de idosos, a autodissolução pode manifestar-se no fracasso dos sistemas de assistência, no esgotamento do cuidador, ou na ruptura de laços familiares devido ao estresse.

Na análise institucional tem uma contradição; entre autogestão e heterogestão. Essa é uma das contradições mais politicamente carregadas para Lourau. A heterogestão é a condição cotidiana em que somos geridos por outros, aceita muitas vezes como natural. Como doutoranda, um elemento de heterogestão que necessariamente vivo é o das regras universitárias, dos requisitos que minha pesquisa deve respeitar e das expectativas do corpo docente em vários níveis envolvidos. Como cuidadora resulto parcialmente (e muitas vezes inconscientemente) heterogerida pelas necessidades de minha mãe e tia, pelas exigências emocionais e práticas que me levam a sacrificar minha própria autonomia (na aquarela que produzi para acessar, em primeiro lugar, meus movimentos instituintes mais íntimos, posicionei de fato no centro do campo uma espiral em movimento, que me representa, e à volta, as diversas organizações externas, a familiar, a Academia e as práticas de autorregulação que se revelaram fortes como possibilidades instituintes, ou pelo menos eu as vivo como tal, tendo-as colocado na parte superior da folha, em posição forte). Lourau define a aceitação da heterogestão como alienação. A ciência política e as ciências econômicas, segundo ele, tendem a considerar a heterogestão natural, como se houvesse duas raças de seres humanos: os dominantes e os dominados. A autogestão, motor do projeto político da análise institucional, é uma tentativa de inventar a própria gestão, ainda que muitas vezes exista em uma contradição total com a vida cotidiana heterogerida. Na minha pesquisa, busco espaços de autonomia na escolha metodológica (ao fazer dialogar práticas, como a cartografia sentimental de Suely Rolnik e as reflexões bioéticas e de responsabilidade coletiva em saúde do filósofo Hans Jonas). No papel de cuidadora, a autogestão significa encontrar estratégias para recuperar o meu próprio espaço, saúde mental, e nas tentativas voltadas para envolver minha família em uma gestão mais compartilhada do cuidado, mesmo que esta seja uma construção política permanente e não um estado alcançado de uma vez por todas. Lourau fala de autogestão-artifício como instrumento de análise, o que sugere que mesmo pequenas tentativas de autogestão podem revelar as dinâmicas ocultas da heterogestão.

Posso identificar como o cerne da aplicação da análise institucional ao meu caso concreto, a contradição entre implicação e neutralidade/objetivismo. A ciência, incluindo minha pesquisa de doutorado, muitas vezes exige uma neutralidade e uma objetividade. As teorias do cuidado e da saúde coletiva podem apresentar-se como neutras, mas a análise institucional insiste na inevitável implicação do pesquisador. Enquanto pesquisadora, estou implicada na produção de saber, e essa implicação não é apenas econômica (financiamento, carreira) mas também libidinal. O fato de eu ser simultaneamente uma pesquisadora e uma cuidadora torna minha implicação não apenas teórica, mas visceralmente concreta. A voz interior que acusa o pesquisador de pouca profundidade, se ele não adota um olhar de neutralidade é particularmente ressonante para quem, como eu, vive a pesquisa por dentro, com uma carga afetiva imensa.

Se for visto com o método da socioanálise, o cuidado é uma intervenção e um dispositivo; não é uma mera sociologia do discurso, mas uma sociologia de intervenção em que o pesquisador é ao mesmo tempo técnico e praticante. Minha pesquisa sobre a continuidade assistencial, embora acadêmica, pode ser vista como uma intervenção socioanalítica, dado que se compõe de uma consistente parte dedicada à análise de campo (com entrevistas em profundidade, observação etnográfica e pesquisa-ação). O conceito de dispositivo é fundamental nesse contexto. Na minha pesquisa, o dispositivo pode ser a estrutura da própria pesquisa, os instrumentos de coleta de dados, as entrevistas, os grupos focais. Lourau afirma que o dispositivo é um instrumento de análise extraordinário, capaz de encenar uma situação coletiva para analisá-la. Por exemplo, uma entrevista com os profissionais de saúde ou uma troca sincera com meus familiares idosos, longe de ser uma mera troca de informações, é um dispositivo que pode revelar dinâmicas ocultas. Crucial é a distinção entre perguntas (demandas) e encomendas. As perguntas são as instâncias individuais ou de grupo (dos idosos, de seus familiares, dos profissionais de saúde) que emergem da realidade do cuidado. A encomenda, por sua vez, é a tradução dessas diversas perguntas em uma solicitação formal para a intervenção socioanalítica. Lourau sustenta que desde o início há, portanto, uma traição de tais perguntas no processo de formulação da encomenda. Esse é um ponto de profunda reflexão para mim: em que medida minha encomenda, ou seja, o estudo das altas protegidas, trai ou até reorienta as perguntas mais imediatas e concretas dos idosos frágeis e de seus cuidadores familiares? A socioanálise se propõe a tornar público esse segredo do processo de encomenda, revelando os conflitos e os interesses em jogo. As resistências à socioanálise são um fenômeno comum. Por isso minha pesquisa me leva a identificar em vários pontos do sistema sanitário (burocracia, inércia), dos profissionais (medo de ser julgado), ou até mesmo dos idosos e de suas famílias (cansaço, desconfiança) esse tipo de resistências.

Prosseguindo minha reflexão sobre meu trabalho de pesquisa, entendo que este, cada dia mais vem revelando o invisível. Não se trata de uma simples informação ou de um ato caritativo, mas de uma atividade intrínseca à pesquisa, um *feedback* fundamental. Consiste em falar de coisas que, em geral, são deixadas na sombra, a fala institucional que não pode ser ouvida de forma pública.

No meu papel de doutoranda, por exemplo, a restituição não deveria limitar-se a publicar artigos acadêmicos ou a tese final, mas considero que implica a atitude cotidiana de engajamento em relação a cada microação que compõe meu projeto de pesquisa, as relações que se criam com o pessoal médico e socio sanitário, bem como, logicamente, com os pacientes, que implicam, mais uma vez, a necessidade de engajamento. Lourau critica a etnologia colonialista que não restituía o saber às populações estudadas, e da mesma forma, minha pesquisa quer prever vários momentos de restituição concreta, pessoal e implicada aos idosos, aos seus cuidadores e aos profissionais de saúde. Isso significa apresentar os resultados em uma linguagem acessível, discutir as implicações práticas e, idealmente, permitir que a população estudada se aproprie de uma parte do *status* do pesquisador e se torne uma espécie de pesquisador-coletivo. É a socialização da pesquisa. A nível pessoal, meu papel de cuidadora é impregnado de segredos e não ditos, de emoções que não encontram espaço no discurso público ou profissional. Aqui entra em jogo o diário de pesquisa, entendido não apenas como instrumento para o estudo, mas como forma de escrita fora do texto. Esse diário, revelando as minhas implicações enquanto pesquisadora e a vivência de campo cotidiana, desafia a suposta neutralidade científica e a hipocrisia institucional. O uso de um diário pessoal sobre minha experiência de cuidadora revela aspectos íntimos que as instituições culturais e acadêmicas tendem a censurar. A resistência burocrática manifesta-se também em esconder os aspectos emocionais e pessoais do cuidado, preferindo um discurso mais objetivo ou clínico. Torna-se então particularmente potente a possibilidade de captar, com a ação de registrar esses movimentos, quais são as autocensuras sejam na escrita, assim como na minha maneira de falar da minha experiência, e isso pode revelar a pressão para não revelar a verdade incômoda que trai o segredo da produção intelectual ou da gestão familiar.

Lourau salienta que a escrita do diário constrói e se apropria de realidades, em um movimento especular, e permite uma reflexão própria do escrever. Esse processo de escrita em forma de diário, que comecei relativamente há pouco tempo, está me ajudando a desnaturalizar as construções científicas, em particular o mito da neutralidade. Escrever sobre como foi feita a pesquisa e como foi vivida a cura, é um modo de contrastar a ilusão gerada pela leitura asséptica dos resultados finais.

A dupla posição de doutoranda e cuidadora me coloca, então, no debate sobre o intelectual implicado. Lourau distingue esse novo tipo de intelectual do

orgânico de Gramsci ou engagé de Sartre, que muitas vezes esquecem de analisar as implicações do seu engajamento. O intelectual implicado, cujo projeto político inclui transformar a si mesmo e o seu lugar social a partir de estratégias de coletivização das experiências e das análises, me leva a refletir sobre possíveis desenvolvimentos do meu percurso de pesquisa.

Minha pesquisa sobre o fluxo da continuidade assistencial pode revelar lapsos da pesquisa (atos falhos) do sistema, mas também minha experiência de cuidadora pode ser vista como uma produção contínua de atos falhos dos quais emergem novas compreensões. Lourau desafia a ideia de que a análise institucional seja apenas uma teoria a ser aplicada a uma realidade. A pesquisa é uma criação permanente, que exige interrogar conceitos, criticá-los e nunca meramente aplicar os referenciais teóricos de onde partimos, mas colocá-los constantemente em discussão.

Este é o coração da imaginação socioanalítica: não se contentar com métodos prontos, mas enfrentar a pesquisa com dúvidas e não certezas prévias, valorizando a criatividade (imaginação) como atitude diante da pesquisa.

Considero que essa perspectiva seja relevante para minha pesquisa sobre a saúde coletiva (que é intrinsecamente ligada às políticas estatais) e para minha experiência de cuidadora (leis sobre a tutela, serviços sociais, normas implícitas sobre o cuidado familiar). Até mesmo a família, embora pareça uma esfera privada, é profundamente estatizada em suas dinâmicas e em suas obrigações. Finalmente, minha experiência de doutoranda na universidade me coloca no centro das dinâmicas de institucionalização da própria ciência. Lourau reflete sobre as dificuldades da análise institucional de ser aceita no mundo acadêmico, com a acusação de exibicionismo ou de querer rentabilizar a própria subjetividade. Meu esforço de integrar minha experiência pessoal (o *caregiving*) na minha pesquisa acadêmica colide com a legitimação do texto institucional, que muitas vezes exclui o íntimo e o subjetivo. Dessa forma, a autocensura torna-se um mecanismo de adaptação a essas regras implícitas do capitalismo acadêmico, no qual o prestígio se mede mais pela quantidade do que pela qualidade prática do trabalho.

Chegando agora para as reflexões conclusivas deste percurso, a Análise Institucional pode me oferecer um poderoso arcabouço para decifrar as complexas e muitas vezes dolorosas dinâmicas que me envolvem.

- O conflito entre a objetividade buscada na tese e a subjetividade ineludível da minha experiência de cuidadora torna-se o terreno privilegiado de análise, não um obstáculo a ser superado, mas sim a própria essência da noção de implicação.

- As instituições universidade/sistema de saúde e família não são entidades separadas, mas sim como campos de forças que se influenciam reciprocamente. O modo como as altas protegidas são concebidas e implementadas no sistema de saúde se reflete nos desafios que minha mãe e minha tia enfrentam, e vice-versa, minhas dificuldades como cuidadora podem informar criticamente minha pesquisa.
- A prática da restituição, tanto na minha pesquisa (oferecendo resultados compreensíveis e úteis aos idosos e suas famílias, bem como novas reflexões para os gestores e responsáveis de decisão política) quanto na minha vida pessoal (através de um diário de campo), pode ser vista como um ato de resistência contra a alienação e a burocratização do saber e das relações humanas. É uma forma de fazer emergir os eventos, em geral excluídos, e reafirmar uma epistemologia humana e relacional sobre os fenômenos em que estamos imersos.
- A pesquisa, para Lourau, é um processo vivo e dinâmico, não uma aplicação mecânica de teorias preexistentes. Isso reafirma que meu percurso de doutorado não é apenas um exercício acadêmico, mas uma constante interrogação da realidade, alimentada pelas minhas contradições e pelas minhas implicações mais profundas. Minha imaginação socioanalítica será a chave para navegar e transformar esse complexo cenário. À luz do que foi encontrado em meu percurso, considero que minha experiência na relação de cuidado e na pesquisa nos espaços de cuidado encarna a dialética entre fazer pesquisa e viver a pesquisa, uma dialética que Lourau exorta a colocar no centro, não nas margens, do trabalho científico, como testemunho vivo da necessidade de uma ciência que não se envergonhe de suas implicações, mas que, ao contrário, as utilize como motor de análise e de transformação.